

Bancos americanos orquestram reação contra a moratória

Silvio Ferraz
Correspondente

Washington — Mais três bancos americanos — Chemical, Mellon e American Express — anunciaram ontem ter colocado os empréstimos ao Brasil na coluna de eventuais prejuízos, ampliando a reação à suspensão do pagamento dos juros da dívida de 68 bilhões de dólares determinada pelo governo brasileiro. Até a próxima quarta-feira, ou 48 horas antes da reunião com as autoridades brasileiras em Nova Iorque, todos os grandes credores do Brasil deverão tomar a mesma decisão. Isso configura uma orquestração dos banqueiros para se apresentar de forma monolítica frente aos devedores brasileiros e tornar as conversações mais penosas.

Dos que aderiram ontem, o maior deles é o Chemical Bank de Nova Iorque, com 1,06 bilhão de dólares em empréstimos de médio e longo prazo ao Brasil. Sua perda no trimestre será de 12 milhões de dólares. Os outros são o Mellon Bank — cujas perdas no primeiro trimestre poderão alcançar 65 milhões de dólares — e o American Express. Os primeiros a adotar posição semelhante foram o Morgan Guarantee Trust, o Bank America e Manufactures Hannover.

É difícil acreditar que outros bancos não estejam fazendo o mesmo que nós — explicou uma alta fonte do Morgan Guarantee Trust de Nova Iorque, sobre a decisão de colocar as linhas de financiamento ao mercado interbancário para as agências dos bancos brasileiros no exterior em regime de **overnight**. O porta-voz do Morgan, Jack Morris, afirmou ao JORNAL DO BRASIL que as linhas de crédito expiraram na última terça-feira e, portanto, daí por diante, a boa prática bancária recomendada operar em regime de dia-a-dia. Isto é as linhas vão-se renovando só à medida em que vão sendo pagas.

Uma alta fonte brasileira, no entanto, garantiu ontem ter apenas o Morgan optado pela decisão do **overnight**.

Houve, é verdade, encolhimento nos prazos, mas de nenhuma forma se tornaram exigível de um dia para o outro — afirmou. A mesma fonte acentuou que os bancos brasileiros no exterior ainda estão operando sob tensão, mas que o mercado está relativamente calmo.

A rigor, a colocação dos empréstimos brasileiros em regime de caixa — os juros só são contabilizados como lucros após efetivamente pagos — é uma forma de fortalecer os banqueiros americanos para a próxima rodada de negociações com o Banco Central, que começará na sexta-feira próxima, em Nova Iorque. Isso porque os banqueiros poderão entrar mais agressivos, já que prematuramente expuseram-se a riscos nas cotações de suas ações nas bolsas de valores. Pelos regulamentos americanos, os bancos só estariam obrigados a registrar na coluna de eventuais prejuízos os empréstimos brasileiros depois de 90 dias da suspensão do pagamento dos juros.

O Manufacturers Hannover Trust Company, outro grande banco americano, colocou no final da noite de quarta-feira os créditos do Brasil na mesma situação. Sua ação se estende sobre créditos no valor de 1,4 bilhão de dólares e o não pagamento de juros pelo Brasil provocará a redução de 18 milhões de dólares em seus lucros no primeiro trimestre. Caso não se chegue a um acordo, esta quantia poderá atingir 72 milhões de dólares no final do ano.

O Citicorp — que tem seu vice-presidente, William Rhodes, na coordenação do comitê dos bancos credores — ainda não havia anunciado sua decisão até às 20 horas de ontem, embora tenha-se manifestado favorável à colocação dos empréstimos brasileiros no congelador no mês passado. O Citi é a instituição americana que mais emprestou ao Brasil — sua carteira chega a 4,6 bilhões de dólares — e a falta de pagamento dos juros lhe causará prejuízos de 50 milhões de dólares no primeiro trimestre e 190 milhões ao final do ano, caso persista a atual situação. Perguntado sobre esta decisão, o porta-voz do Citibank disse que sua instituição não faz qualquer especulação sobre a expectativa do mercado, de que qualquer momento ele poderá tomar a mesma decisão.

A atitude dos credores americanos está demonstrando que o telegrama do presidente do Banco Central, Francisco Gros, pedindo a renovação voluntária das linhas de financiamento para o Brasil, caiu no vazio.

— Estamos esperando um acordo formal. Enquanto ele não vier, não há como deixar de manter os créditos ao Brasil em regime de estrita vigilância — afirmou uma fonte de um grande banco americano.